EXPERIÊNCIAS SIGNIFICATIVAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA FORMA DE AQUISIÇÃO DA LÍNGUA INGLESA

NADI ELMA ROCHA SANTOS

RESUMO

Já foi comprovado cientificamente que a criança nasce com uma capacidade inata para aprender quantas línguas a ela forem estimuladas. Porém, este estímulo deve ser constante e significativo para que a criança desenvolva esta habilidade de forma eficaz. Por este motivo, o presente projeto tem por objetivo descobrir quais as possibilidades de desenvolver atividades lúdico-pedagógicas na Educação Infantil no ensino da Língua Inglesa. O artigo tem como problema de pesquisa a seguinte questão: Quais as possibilidades de desenvolver atividades lúdico-pedagógicas na Educação Infantil no ensino da Língua Inglesa? Pensando em tornar a aquisição da Língua Inglesa algo natural para as crianças, o presente projeto artigo procurou descobrir quais as possibilidades de desenvolver atividades lúdico-pedagógicas na Educação Infantil no ensino da Língua Inglesa. O objetivo geral foi analisar quais as possibilidades de desenvolver atividades lúdico-pedagógicas na Educação Infantil no ensino da Língua Inglesa. Os específicos nortearam em conhecer quais as características da infância durante a idade escolar da Educação Infantil; compreender qual a importância de atividades lúdico-pedagógicas na Educação Infantil e verificar de que forma o ensino da Língua Inglesa possa ser mais prazeroso na Educação Infantil. A presente pesquisa será realizada, segundo os objetivos, na perspectiva descritiva, pois, como terá foco na Educação Infantil, é necessário pesquisar previamente quais as características, potencialidades e capacidades das crianças nesta fase da infância. Quanto às fontes de informação, a pesquisa será desenvolvida em caráter bibliográfico, já que o procedimento da coleta de dados será em artigos, livros e periódicos. Este trabalho também tem como caráter ser uma pesquisa qualitativa, pois terá como fonte principal de dados citações de especialistas e estudiosos em Educação Infantil. A pesquisa também fará uma busca tipos de atividades de qualidade pedagógica, a fim de descobrir qual a melhor forma de atingir as crianças de Educação Infantil.

PALAVRAS-CHAVE: Educação infantil; Experiencias; Língua inglesa.

INTRODUÇÃO

No atual quadro da educação pública brasileira, a Língua Inglesa começa a fazer parte da vida escolar dos estudantes no quinto ou sexto ano do Ensino Fundamental. O adolescente estuda a língua por, pelo menos, sete anos e ao concluir o Ensino Médio afirma “não ter aprendido nada”. Um dos fatores para isso ocorrer, é a deficiência de professores qualificados para ensinar a Língua Inglesa nas escolas. Muitas vezes, os próprios professores não possuem fluência na língua e trabalham apenas o vocabulário fora de contexto.

O fato de não iniciar o aprendizado da Língua Inglesa na primeira infância é outro fator pelo qual os estudantes apresentam dificuldades, uma vez que é nos primeiros anos de vida que ocorre com mais eficácia a aquisição da linguagem, devido à plasticidade do córtex cerebral. Ter conhecimento sobre este processo cognitivo da criança e sabendo da importância que o inglês tem no futuro das pessoas, a realidade em escolas de Educação Infantil particulares é outra. Muitas oferecem a Língua Inglesa como parte do currículo a partir dos três anos de idade.

Porém, apesar de oferecerem a língua aos pequeninos, muitos dos professores que atendem a este público estão despreparados para ensinar o inglês de forma eficaz e prazerosa para as crianças. O tempo de protagonismo nas aulas é muito mais do professor do que do aluno. E, veremos no desenvolvimento do trabalho, que crianças pequenas precisam do movimento corporal como parte do seu aprendizado.

Pensando em tornar a aquisição da Língua Inglesa algo natural para crianças da Educação Infantil, o presente projeto vai apresentar a visão que a sociedade está construindo sobre elas, suas características e potencialidades nesta faixa etária e vai procurar descobrir quais as possibilidades de desenvolver atividades lúdico-pedagógicas na Educação

Infantil no ensino da Língua Inglesa.

EDUCAÇÃO INFANTIL: A CRIANÇA COMO SER POTENTE E CAPAZ

A criança é um ser dependente de adultos e precisa de cuidados e estímulos para se desenvolver de forma mental e fisicamente saudável. Toda criança tem seus direitos assegurados por leis. No Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, garante estes direitos.

Hoje, as famílias valorizam seus filhos e, muitas vezes, a vida familiar gira em torno deles. No entanto, nem sempre foi assim, como podemos ver no artigo de Andrade, Carvalho e Pereira (p. 2):

A história social da criança revela que os adultos nem sempre valorizaram a infância, por isso a criança nunca foi entendida de fato; bem como a história da vida escolar destas mostras que durante muito tempo elas tiveram seu papel negligenciado na sociedade.

E elas continuam dizendo que hoje estudos científicos comprovam que, apesar da criança requerer cuidados e orientações específicas, é necessário entender que ela precisa ser compreendida como um ser livre, que apresenta inúmeras possibilidades cognitivas (p. 2).

Infelizmente, nem todas as crianças são tratadas como deveriam. Para muitas famílias, elas ainda são apenas mais uma pessoa na casa. Muitas crianças sofrem com abusos físicos ou metais, são negligenciadas ou vivem em condições de precariedade com a família. Para Priore (1999), "na mentalidade coletiva, a infância é entendida como um período sem expressão, sem grande personalidade, diríamos uma provável esperança, o que denota a falta de valorização com que estas eram vistas" (apud Andrade, Carvalho e Pereira, p. 4).

Desde os anos passados, muito se conquistou nesta área e pesquisadores e especialistas têm desenvolvido estudos neste ramo. Pode-se dizer que foi em países da Europa, durante os séculos XVIII e XIX, que a discussão sobre a escolaridade obrigatória ganhou força. "Nesse momento, a criança passou a ser o centro do interesse educativo dos adultos: começou a ser vista como sujeito de necessidades e objeto de expectativas e cuidados [...]" (OLIVEIRA, 2013, p. 62). Hoje, sabe-se que a criança é um ser capaz e tem suas potencialidades de acordo com a faixa etária em que se encontra. A criança não sabe menos, ela sabe coisas diferentes. Felizes são as crianças que vivem em famílias que entendem e respeitam as características e o potencial de cada uma de suas faixas etárias.

Oliveira-Formosinho e Araújo (2008) também acreditam que ocorreu uma mudança na forma de ver a criança: ela é "possuidora de uma voz própria, que deverá ser seriamente tida em conta, envolvendo-a num diálogo democrático e na tomada de decisões" (p. 16). E as autoras ainda citam James e Prout (1990), que afirmam que as crianças devem estar "ativamente envolvidas na construção das suas vidas sociais, das vidas daqueles que as rodeiam e das sociedades em que vivem. Elas não podem continuar a ser simplesmente consideradas os sujeitos passivos de determinações estruturadas" (p. 16).

Uma das filosofias muito estudadas hoje no âmbito da educação é a de Reggio Emília, idealizada por Loris Malaguzzi, na cidade de nome homônima Reggio Emília, na Itália. O surgimento desta filosofia é contado pelo próprio Malaguzzi (2008, p. 59):

A história de nossa abordagem, e de meu papel nela, começa seis dias após o término da Segunda Guerra Mundial. Era primavera de 1945. O destino deve ter desejado que eu fosse parte de um evento extraordinário. Ouvi que em um pequeno vilarejo chamado Villa Cella, umas poucas milhas da cidade de Reggio Emília, as pessoas haviam decidido construir e operar uma escola para crianças pequenas.

A escola começou a ser levantada com dinheiro da venda de materiais remanescentes da guerra e era comandada por pais e pessoas da comunidade. Todos estavam preocupados com as crianças pequenas, que vivenciaram as tragédias da guerra. Hoje, Reggio Emília é, além da cidade, um "conjunto de 33 escolas municipais para crianças com

idades que vão de poucos meses de vida a seis anos, mantidas pela autoridade local, tanto diretamente quanto por meio de acordos com cooperativas" (DAHLBERG e MOSS in: RINALDI, 2012, p.20).
Levando em consideração que "a criança nasce com as suas 'cem linguagens', a pedagogia da Reggio Emília assume que os adultos têm como tarefa prioritária, a escuta e o reconhecimento das múltiplas potencialidades de cada criança" (REGGIO EMILIA: escolas feitas por professores, alunos e familiares, 2014). Um dos principais pontos

da filosofia de Reggio Emília, como escreveu Loris Malaguzzi, é a imagem da criança que, desde o nascimento, se encontra tão engajada no desenvolvimento de um relacionamento com o mundo e tão desejosa de experimentar esse mundo que chega a criar um sistema complexo de habilidades, aprendendo estratégias e formas de organizar os relacionamentos. (RINALDI, 2012, p. 156)

Além de aprender a organizar os relacionamentos, as crianças aprendem também com os ambientes em que vivem, pois, o ambiente também ensina. Nas escolas de Reggio Emília, os mesmos são organizados de modo que ofereçam "ao ser humano um espaço de vida" (DOURADO in: RINALDI, 2012, p. 17). A organização dos espaços da escola

são escolhas que devemos fazer. Carla2 defende que sejam lugares envolventes para crianças e adultos, acolhendo-os numa rede de relações em um campo de possibilidades criativas de expressão e de comunicações múltiplas. Aqui entra a tão bem-colocada ideia de escuta; uma escuta que prevê diálogo atento, cuidadoso e marcado pelo respeito – uma comunicação que não está só conectada com a palavra, mas também com os olhos, o corpo, as mãos. (DOURADO in: RINALDI, 2012, p. 17)

Outra filosofia muito estudada nos dias atuais é o método Montessori, criado por Maria Montessori (1870-1952). Italiana, ela foi a primeira mulher a se formar em medicina em seu país e pioneira em acreditar, na área da educação, na criança como protagonista do seu aprendizado. Ela, entre outros autores, sentia-se comprometida "com questões sociais relativas a crianças que vivenciaram situações sociais críticas (órfãos de guerra, pobreza) e cuidou de elaborar propostas de atividades em instituições escolares que compensassem eventuais problemas de desenvolvimento" (OLIVEIRA, 2013, p. 63). Além disso,

nas escolas montessorianas, o espaço interno era (e é) cuidadosamente preparado para permitir aos alunos movimentos livres, facilitando o desenvolvimento da independência e da iniciativa pessoal. Assim como o ambiente, a atividade sensorial e motora desempenha função essencial - ou seja, dar vazão à tendência natural que a garotada tem de tocar e manipular tudo o que está ao seu alcance. (FERRARI, 2008)

A educadora desenvolveu materiais didáticos simples, porém atraentes, que possuem o objetivo de provocar o raciocínio, pois o método Montessori parte do concreto rumo ao abstrato. "Maria Montessori defendia que o caminho do intelecto passa pelas mãos, porque é por meio do movimento e do toque que as crianças exploram e decodificam o mundo ao seu redor" (FERRARI, 2008).
A escola não se faz só de professores. Nem só de crianças. É um trabalho complexo de diversas áreas. É um todo em busca do desenvolvimento integral do ser humano. Portanto, é essencial

criar um espaço de vida e de futuro. Isso requer pesquisa conjunta de pedagogia, arquitetura, sociologia e antropologia, disciplinas e campos de conhecimento que são convocados a expressar as próprias epistemologias e a comparar linguagens e sistemas simbólicos, com um novo tipo de liberdade, nascido do desejo de diálogo e de troca de ideias. (RINALDI, 2012, p. 150)

Por este motivo, em qualquer lugar, a escola deve estar sempre em movimento, acompanhando os avanços da sociedade, tanto relacionados a tecnologias, quanto a novos estudos e descobertas. Sempre levando em consideração o bem-estar e as necessidades da criança e fazendo dela a protagonista do seu próprio aprendizado.

A FAIXA ETÁRIA DA CRIANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

No Brasil, em relação às aulas de Língua Inglesa para crianças da Educação Infantil, muitos professores planejam suas aulas tendo as crianças sentadas em círculo e o tempo de protagonismo é muito mais do professor do que do aluno. Porém, é necessário levar em consideração as características e limitações desta fase da infância: diversificar as tarefas e criar rotinas são estratégias para manter a atenção da criança no aprendizado da língua, conforme podemos ver na citação abaixo:

> As crianças ainda estarão adquirindo habilidades básicas como segurar um giz de cera ou lápis, colorir, relacionar algo real com uma representação pictórica, ser capaz de reconhecer formas, selecionar e classificar, reconhecer semelhanças e diferenças, usar tesoura, cola e outros instrumentos. Qualquer plano de ensino deverá levar todos estes itens em consideração. (REILLY & WARD, 1997, p. 13)

> Atividades e tarefas que os adultos realizam de forma automática, para as crianças desta idade podem representar um verdadeiro desafio: organizar a mochila, ter autonomia para lanchar, colocar o casaco, fechar o zíper e calçar os sapatos. O estímulo diário dessas atividades desenvolve progressiva independência dos pequenos.

Na fase da Educação Infantil, as diversas mudanças no desenvolvimento e comportamento de uma criança são muito visíveis. Essa é a fase das descobertas e do encantamento, pois cada conquista e novo aprendizado são festejados pela criança e seus familiares. Letícia Melz (2001, p. 12) afirma que mudanças significativas ocorrem nas áreas psicomotora, intelectual, afetiva e social.

Na área psicomotora, é possível identificar grande evolução na coordenação motora, pois movimentos corporais e habilidades de motricidade começam a ser desempenhados com maior precisão. Para tanto, é necessário que o professor ofereça uma boa quantidade de atividades e materiais que ajudem a desenvolver tais movimentos.

Na área intelectual, a capacidade de fazer associações abstratas começa a ser adquirida. Porém, a criança ainda apresenta dificuldades de se localizar no tempo e pode confundir fatos imaginários com o mundo real.

A área afetiva é o processo de identificação da criança com a outra, seja nos termos de comportamento, pensamentos ou nas suas próprias características. Ela começa a ter percepção de quem ela quer ser, a modo de não ser rejeitada, começando a desenvolver a capacidade de controlar suas atitudes.

Ao estar em um ambiente escolar, a criança tem a oportunidade de socializar com outras crianças (área social). Nessa ela aprende a trabalhar cooperativamente em grupos, e muitas vezes, não aceita ter o colega como dominante nas atividades. No entanto, tais atividades são importantes para que a criança aprenda a conviver amigavelmente.

Durante toda a fase da Educação Infantil – até aproximadamente os seis anos de idade – a criança está desenvolvendo o "eu": eu consigo mesma; eu com o outro; eu com o mundo. Por esta razão, ela deve ter suas capacidades e individualidades respeitadas. O professor deve ser referência e exemplo para a criança que está em formação. Deve também proporcionar a ela vivências e experiências que auxiliem neste desenvolvimento.

ATIVIDADES LÚDICO-PEDAGÓGICAS E A LÍNGUA INGLESA

As salas de aula de escolas de Educação Infantil são cheias de informações e estímulos para que a criança tenha um aprendizado de forma lúdica e significativa para ela. Crianças em idade escolar são ativas e não conseguem se concentrar em uma mesma atividade por um período muito longo. Elas tendem a de distrair facilmente, ora observando os estímulos expostos, ora interagindo com os colegas ou ouvindo sons reproduzidos a sua volta. No entanto, esse tempo de concentração e a atenção na atividade realizada são aspectos indispensáveis para o aprendizado e desempenho escolar.

Conforme estudos, o tempo de concentração de uma criança é de 15 a 20 minutos. Porém, Reilly e Ward (1997, p. 14) acreditam que esse tempo seja ainda menor: "Se as suas aulas têm mais de quinze minutos de duração, você precisa manter o interes-

se das crianças modificando as atividades a cada cinco ou dez minutos".
Esta particularidade deve também ser levada em consideração em uma aula de Língua Inglesa, pois a criança é a mesma, independente do que está sendo trabalhado. Muitos pais ainda questionam e discutem a necessidade sobre se começar a estudar uma segunda língua ainda na primeira infância. Como é possível observar na citação abaixo, este contato só pode trazer benefícios:

O córtex cerebral é dotado de grande plasticidade funcional durante os primeiros anos de vida. A especialização do hemisfério esquerdo para a linguagem, mesmo que dependa de uma disposição pré-formada, só se estabelece progressivamente, graças às interações da criança com parceiros linguísticos de seu ambiente. (OLIVEIRA, 2013, p. 153)
Estudos comprovam também que, quanto mais estímulos linguísticos a criança tiver na primeira infância, maior é a probabilidade de ela ser uma falante da língua sem a presença do sotaque nativo. Isso, no futuro, só tem a beneficiar o indivíduo, pois, quando se inicia o estudo de uma língua na adolescência, muitos jovens se frustram por não conseguirem pronunciar as palavras de forma "correta" e sentem vergonha de se comunicar na segunda língua.
Ainda segundo Oliveira,

as crianças pequenas que se beneficiam de um serviço de qualidade tendem a desenvolver mais o raciocínio e a capacidade de solução de problemas, a ser mais cooperativas e atentas aos outros e a adquirir maior confiança em si. Grande parte desses efeitos positivos persistem e contribuem para suscitar-lhes uma atitude positiva com relação à aprendizagem escolar e favorecê-las com o sucesso em seus estudos. (2013, p. 85)

Estabelecida a importância de se aprender uma segunda língua ainda na primeira infância, Reilly e Ward apresentam a preocupação com o planejamento das aulas de Língua Inglesa para crianças pequenas e afirmam que elas "aprenderão melhor através da mímica e do uso da língua no contexto". E continuam dizendo que "...nas fases iniciais [da infância] é melhor não se preocupar muito com a correção da gramática, mas fazer a criança gostar de usar a língua3" (1997, p. 13).
Por este motivo, enquanto o professor planeja suas aulas,

é vital lembrar que as crianças são muito pequenas e que visamos tornar agradável sua primeira exposição ao inglês. Elas têm muitos anos de aprendizado pela frente e terão obstáculos suficientes mais tarde. Se a primeira experiência no inglês for prazerosa, elas terão uma atitude positiva em relação à língua pelo resto de suas vidas. (REILLY & WARD, 1997, p. 14)

Ao adquirir o gosto pelo aprendizado da Língua Inglesa, a criança se abrirá para receber novos conhecimentos de forma natural. Por isso, é importante demonstrar às crianças,

que ele [o inglês] é um meio de comunicação, da mesma forma que a língua materna é: que o contexto, o conhecimento de mundo da criança, sua curiosidade natural, e fatores como gesto e expressão facial podem ajudar no processo de comunicação na Língua Inglesa3. (BRUMFIT, MOON E TONGUE, 1995, p. 129)

Além do cuidado com o planejamento, Rinaldi (2012, p. 110) afirma que uma importante etapa do processo de ensino é a documentação pedagógica. Documentar significa deixar registrados através de documentos, fotos, vídeos, tabelas, anotações, entre tantas outras possibilidades de registro, os processos de aprendizagem das crianças, tornando visíveis as formas de construção do conhecimento, que incluem também aspectos relacionais e emocionais.
Muito além de representar um relatório final e definitivo, a documentação tem como objetivo servir de base para o aprimoramento profissional de conhecimento e didática, pois

oferece ao educador uma oportunidade única de tornar a escutar, ver e visitar individualmente ou com outros, eventos e processos nos quais foi coprotagonista. [...] É a ocasião para interpretar os vários documentos produzidos, junto com nossos colegas, dando

sentido aos eventos que aconteceram e, então, criando significações e valores comuns. (RINALDI, 2012, p. 112)

Em meio aos estudos das novas filosofias sobre a criança da Educação Infantil, como Reggio Emília e Maria Montessori – trazendo, dentre tantas, apenas as citadas neste trabalho – muito se fala em experiências significativas, que valorizam a prática do brincar, onde a criança vivencia atividades lúdicas, utilizando materiais variados, a fim de aprender através da interação com o outro, com os objetos e com o meio. Pois, segundo Brumfit, Moon e Tongue (1995), "as crianças aprendem melhor um idioma em situações em que sua atenção esteja focada no significado e não na língua." (p. 129).
A brincadeira é um destes momentos em que a criança está atenta ao contexto que está acontecendo ao seu redor e, "ao brincar, ela passa a compreender as características dos objetos, seu funcionamento, os elementos da natureza e os acontecimentos sociais" (OLIVEIRA, 2013, p. 164). Portanto, mesmo que inconscientemente, durante a brincadeira, a criança está assimilando o vocabulário apresentado pelo professor, durante a sua mediação.
Por isso, as atividades desenvolvidas nas aulas de Língua Inglesa, devem ser as mais diversas possíveis, permitindo que cada criança, através da sua individualidade e/ou da relação com outras crianças, tenha a oportunidade de criar, de se expressar e se desenvolver plenamente em todas as áreas: social, intelectual, psicomotora e afetiva. Para Reilly e Ward, as

atividades mais adequadas para os alunos muito jovens4 são aquelas que envolvem músicas, cantigas, rimas, histórias, resposta física total5, tarefas que envolvem desenho, pintura, recorte e colagem, jogos, quebra-cabeças, se vestir, atuar e "vamos fingir". (1997, p. 9)

Pensando que a criança pequena precisa utilizar as mãos e movimentos corporais para que as experiências se tornem mais significativas, muitas escolas estão trabalhando com o desenvolvimento de projetos, tornando assim, o aprendizado mais lúdico, prazeroso e real. Deste modo a criança consegue fazer associações entre o concreto e o abstrato.
Para explicitar sobre a importância das vivências através de projetos, pode-se citar Katz (2008), que afirma que

o trabalho em projetos visa a ajudar crianças pequenas a extrair um sentido mais profundo e completo de eventos e fenômenos de seu próprio ambiente e de experiências que mereçam sua atenção. Os projetos oferecem a parte do currículo na qual as crianças são encorajadas a tomarem suas próprias decisões e a fazerem suas próprias escolhas, geralmente em cooperação com seus colegas, sobre o trabalho a ser realizado. Presumimos que este tipo de trabalho aumenta a confiança das crianças em seus próprios poderes intelectuais e reforça sua disposição de continuar aprendendo. (p. 38)

Escolas que seguem a filosofia Reggio Emília também costumam trabalhar com projetos, e vão além. Elas utilizam como materiais didáticos elementos da natureza, enfeitam as salas com trabalhos produzidos pelas próprias crianças e reproduzem uma

espécie de "laboratórios do fazer", que combinam as tradicionais linguagens gráficas, pictóricas e de manipulação (modelos e maquetes), mas também as do corpo, ligadas ao movimento, as da comunicação verbal e não-verbal, as linguagens icônicas, o pensamento lógico, científico, natural, discussões éticas, e manejo de ferramentas multimídia, sempre objetivando que a criança aprende "com todo corpo", de forma fluída e permanentemente integrada. (REGGIO EMILIA: escolas feitas por professores, alunos e familiares, 2014)

Segundo Katz (2008, p. 41), ao iniciar o desenvolvimento de um projeto, é interessante que o tópico seja familiar para as crianças, pois desta maneira, elas podem contribuir com seu conhecimento prévio, assumindo a liderança no planejamento, nas responsabilidades por observações específicas, por informações e pelos artefatos coletados. Por outro lado, se o tópico é desconhecido para os pequenos, maior é a necessidade de auxí-

lio de um adulto.

Ocasionalmente, os professores em Reggio Emília assumem um projeto sobre um tópico de valor imprevisível ou incerto. A disposição para explorar um tópico que pode não funcionar muito bem é parte de seu compromisso de experimentar e de explorar junto com as crianças que tipos de vivências e ideias podem emergir de uma situação. (KATZ, 2008, p. 41)

No ensino da Língua Inglesa, é fundamental que o professor apresente materiais concretos, sejam imagens, brinquedos ou objetos reais, para representar o vocabulário apresentado, de modo a provocar que a criança faça a associação das palavras, sem a necessidade da tradução. Por isso, por exemplo, ao solicitar que a criança faça um trabalho de recorte, é importante ter em mãos a tesoura e demonstrar o que deve ser feito.

Colocar a criança como centro da aprendizagem, não significa que o professor seja dispensável. Malaguzzi (2008) afirma que não se deve "minimizar o papel determinante dos adultos no oferecimento de estruturas semânticas e sistemas de significado que permitem que a mente infantil se comunique" (p. 91), mas o professor deve agir como facilitador e mediador do conhecimento, sendo a criança a protagonista de seu aprendizado:

Porém, gostaria de salientar a participação das próprias crianças: elas são capazes, de um modo autônomo, de extrair significado de suas experiências cotidianas através de atos mentais envolvendo planejamento, coordenação de ideias e abstrações. Lembre-se, os significados jamais são estáticos, inequívocos ou finais; estão sempre gerando novos significados. (p. 91)

Portanto, o professor, além de mediar as vivências propostas, deve apresentar um olhar atento, a fim de

ativar, especialmente de um modo indireto, a competência de extrair significado, das crianças, como uma base para toda a aprendizagem. Deve capturar os momentos certos e então descobrir as abordagens corretas para unir em um diálogo produtivo, seus significados e interpretações com os das crianças. (MALAGUZZI, 2008, p. 91)

Para que isso aconteça, cabe ao professor – especificamente os de Língua Inglesa – proporcionar situações possíveis de interpretação e discussão. Ao se deparar com tal situação, a criança apresenta um instinto para interpretar o significado da mesma, sem prestar muita atenção à gramática e às palavras estrangeiras utilizadas para descrevê-la. Isto é possível, pois a criança utiliza seu conhecimento prévio e as pistas fornecidas na situação. Esta habilidade de entender o significado antes da palavra permite que a criança compreenda a situação em uma história, um vídeo, uma conversa, etc. Ao crescerem, as crianças começam a prestar mais atenção às palavras e as associam ao significado. (MOON, 2000, p. 5)

Para finalizar, é essencial dizer que nos tempos de hoje, escolas de todos os lugares valorizam muito a parceria escola-família, para que o aprendizado e desenvolvimento da criança sejam integrais e não fracionados. Oliveira (2013) confirma a importância desta parceria: "As experiências concretizadas devem se articular com as vivências das crianças em outros contextos, particularmente no cotidiano familiar, de modo que lhes garantam um processo integrado de desenvolvimento" (p. 184).

Os pais, ao prestigiarem o aprendizado dos filhos, estão mostrando a eles que o seu dia e suas experiências são de grande valia. E, ao perceber que os pais estão valorizando isso, a criança tende a participar cada vez mais das vivências propostas pelos professores, a fim de querer compartilhar todo o conhecimento adquirido com seus genitores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aos poucos o atual modo de ensino da Língua Inglesa começa a mudar, principalmente na Educação Infantil, fase em que o aprendizado não inclui a escrita. Percebe-se que muitos cursos, congressos e estudos estão em desenvolvimento no país. Infelizmente, estas mudanças ainda não atingem todas as escolas. No entanto, crianças que têm o privilégio de iniciar o estudo da Língua Inglesa ainda na primeira infância, certamente serão adolescentes com maior facilidade de fazer associações entre a língua materna e a segunda língua.

Com o presente trabalho, foi possível con-

cluir que crianças da faixa etária da Educação Infantil tem a necessidade de utilizar movimentos das mãos e/ou corporais para que a vivência se torne significativa. É essencial que se trabalhe partindo do concreto para o abstrato. No ensino da Língua Inglesa, não deve ser diferente. Para respeitar as potencialidades e características da criança nesta fase da infância, é preciso diversificar as atividades, com o objetivo de auxiliar no desenvolvimento das habilidades a serem adquiridas nesta idade.

Outro aspecto que deve ser considerado é que atividades lúdico-pedagógicas irão desenvolver na criança o gosto e o prazer pela Língua Inglesa. Com isso, o aprendizado dela, nos anos seguintes, tende a ser tranquilo, sem o choque linguístico apresentado, muitas vezes, por adolescentes e adultos. Desenvolver experiências significativas através de projetos é outro modo de se trabalhar o inglês, pois o conteúdo é apresentado dentro de um contexto, sendo algo real para a criança compreender.

Portanto, pode-se afirmar que desenvolver atividades lúdico-pedagógicas no ensino da Língua Inglesa na Educação Infantil é totalmente possível de ser realizado. Basta o professor compreender as filosofias estudadas hoje no âmbito da educação para crianças e adaptar as atividades a sua realidade, estimulando-as a gostarem da língua.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Amanda Maria Vieira; CARVALHO, Galena Melo Freire de; PEREIRA, Rosana Santos. História da criança e sua importância na sociedade: dos primórdios da idade média aos dias atuais. Disponível em: https://portal.fslf.edu.br/wp-content/uploads/2016/12/TCC_Amanda_Galena_e_Rosana.pdf Acesso em: 26 jan. 2025.

BRUMFIT, Christopher; MOON, Jayne; TONGUE, Ray. Teaching English to children: from practice to principle. Essex: Longman, 1995.

FERRARI, Márcio. Maria Montessori, a médica que valorizou o aluno. 2018. Disponível em: https://novaescola.org.br/conteudo/459/medica-valorizou-aluno Acesso em: 26 jan. 2025.

KATZ, Lilian. O que podemos aprender com Reggio Emilia. In: EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emília na educação da primeira infância. Porto Alegre: Artmed, 2008.

MALAGUZZI, Loris. História, ideias e filosofia básica. In: EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância. Porto Alegre: Artmed, 2008.

MELZ, Letícia. How to teach English to children. 2001. 45f. Monografia de Graduação. Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2001.

MOON, Jayne. Children learning English. Oxford: Macmillan Heinemann, 2000.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de. Educação Infantil: fundamentos e métodos. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

OLIVEIRA-FORMOSINHO, Júlia; ARAÚJO, Sara Barros. Escutar as vozes das crianças como meio de (re)construção de conhecimento acerca da infância: algumas implicações metodológicas. In: OLIVEIRA-FORMOSINHO, Júlia. (Org.) A escola vista pelas crianças. Porto: Porto Editora, 2008.

REGGIO EMILIA: escolas feitas por professores, alunos e familiares. 2014. Disponível em: https://educacaointegral.org.br/experiencias/reggio-emilia-escolas-feitas-por-professores-alunos-familiares/ Acesso em: 26 jan. 2025.

REILLY, Vanessa; WARD, Sheila M. Very young learners. Oxford: Oxford University, 1997.

RINALDI, Carla. Diálogos com Reggio Emília: escutar, investigar e aprender. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2012.